



OS ENTRE-LUGARES DE SILVIANO SANTIAGO em *Aos sábados, pela manhã*

Patrícia Junqueira Mattos¹ & Eduavison Pacheco Cardoso²

Que coisa é o livro? Que contém na sua frágil arquitetura aparente? São palavras, apenas, ou é a nua exposição de uma alma confidente? De que lenho brotou? Que nobre instinto da prensa fez surgir esta obra de arte que vive junto a nós, sente o que sinto e vaiclareando o mundo em toda parte? Carlos Drummond de Andrade. *Poesia completa e prosa*, p. 09.

O livro *Aos sábados, pela manhã*, de Silviano Santiago, lançado em 2013, é uma compilação de 71 artigos que o escritor produziu ao longo de quatro anos para o jornal *O Estado de S. Paulo*. O livro foi organizado pelo pesquisador Frederico Coelho que também faz a apresentação do volume. *Aos sábados, pela manhã* é mais que um mero livro de crônicas jornalísticas, sendo mesmo um convite que o autor faz para que o leitor comungue com o seu conhecimento. Os 71 artigos são divididos em três partes distintas que se complementam, sendo a primeira intitulada “Elogio da Literatura”, a segunda, “Além do campo visual” e a última é nomeada de “Uma revoada de vaga-lumes”.

Em *Aos sábados, pela manhã*, o célebre escritor brasileiro Silviano Santiago proporciona aos seus leitores uma viagem onde encontrarão o intelectual, o escritor e o leitor Silviano Santiago. Não são apenas textos retirados de uma coluna editada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, mas nesta obra, como ressalta

¹ Patrícia Junqueira Mattos é Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

² Eduavison Pacheco Cardoso é Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do NECC.

muito bem Frederico Coelho (2013), “temos a possibilidade de entrar em contato com um crítico exercendo de forma concisa e direta um pensamento interessado pelos eventos culturais de seu tempo”³.

A literatura é o assunto mais discutido pelo autor, na verdade o tema está em todos os artigos, mesmo que o foco seja a cultura, a política, a psicanálise ou a filosofia. Alguns autores figuram uma constelação de predileção do autor, tal como Machado de Assis e a plêiade de poetas e intelectuais modernistas, por exemplo. O intelectual também discute teoria e quando o faz não tem receio de abordar tendências que extrapolam a teoria da literatura ou a crítica literária tradicional, ao abordar, de forma consciente e segura, teorias acerca da cultura e dos estudos pós-coloniais, por exemplo, que são temas que têm sido muito discutidos pelo próprio Silviano em artigos como “O entre-lugar do discurso latino-americano”, bem como por outros críticos, como Eneida Maria de Souza e Denílson Lopes que avançam o debate sobre as epistemologias latino-americanas.

Aos sábados, pela manhã é uma obra que agrada a todo o tipo de público, uma vez que sua publicação original deu-se pelo suporte jornal que atinge uma variedade maior de leitores por conter diversificados gêneros textuais. Além disso, a pluralidade dos textos no livro faz com que atinja vários estudiosos, seja nas áreas de Letras e Literatura, da Sociologia, da Comunicação, das Artes, da Educação, dos Estudos Culturais, da Literatura Comparada, da Crítica Biográfica ou Estudos Pós-Coloniais, visto que, cada vez mais, há debates em torno de problemáticas sobre a cultura, sobre o lócus de onde falamos e pensamos, sobre as subjetividades, entre outros, e, Silviano tem plena consciência disso.

Nesse sentido, podemos considerar que esta é uma obra de referência para pesquisadores que buscam complementar seus conhecimentos em torno dos estudos literários, dos estudos da cultura e dos estudos que vem emergindo na América Latina nas últimas décadas. Além disso, a obra pode ser usufruída por leitores que não possuem conhecimentos sobre os temas abordados por Silviano, já que o autor, assim como um guia, orienta o leitor em sua busca por conhecimentos diversificados nas áreas de humanidades.

³ COELHO *apud* SANTIAGO. *Aos sábados, pela manhã*, p. 09.

Na primeira parte iniciamos a leitura com o título “O novo cosmopolitismo literário”, onde Santiago apresenta ao leitor o maior sucesso latino-americano em escala mundial desde Gabriel García Márquez, *2666*, escrito pelo chileno Roberto Bolaño (1953-2003), que se consolidou na direção contrária de seu predecessor, apresentando um realismo cru e pessimista. Como salienta Santiago: “Sua leitura não cabe numa coluna. Cabe a digressão sobre traços formais do novo cosmopolitismo literário por ele representado”⁴. Tendo ainda, como traço principal, o retorno do personagem, Santiago destaca que o desejo de compor um romance por personagem acarreta, por um lado, o desinteresse em concebê-lo como exercício curto de escrita lúdica; ocasionando, por outro lado, a retomada da narrativa por biografia (s) explícita (s).

Sabe-se que a literatura se alimenta da tradição cultural, seja para legitimá-la ou contrariá-la. Santiago se comporta dessa tradição de modo paradoxal, por entender que só o gesto de traição/fidelidade quanto aos modelos literários instaura a descontínua linhagem da literatura, ou seja, o objetivo proposto por Santiago nesses textos é também revisitar a tradição moderna latino-americana, no sentido de processar desdobramentos conceituais e apontar limites e rasuras teóricas nos textos em diálogo.

145

Assim, em “Aprendendo a apreensão”, por exemplo, Santiago faz menção ao último romance do argentino Ricardo Piglia, *Alvo noturno* (2011), que, segundo o crítico, é um texto que retrata o comum e o inteligível; e, sob o olhar de um forasteiro, “a escrita ficcional evidencia isolamento, atraso e os delírios induzidos pela especulação imobiliária e a industrialização no campo”⁵.

Como ensaísta, segundo Eneida Maria de Souza, “a posição de Silviano no debate literário e cultural se manifesta de forma desconstrutora e distanciada frente aos objetos de análise, reiterando opiniões já registradas na ficção.”⁶ Lembrando que o ensaio se desvincula do estudo acadêmico por adquirir liberdade criativa e optar por uma dicção mais dramatizada e em diálogo com o leitor, em *Aos sábados, pela manhã*, observamos que a reflexão sobre manifestações

⁴ SANTIAGO. *Aos sábado, pela manhã*, p. 33.

⁵ SANTIAGO. *Aos sábado, pela manhã*, p. 41.

⁶ SOUZA. “Márioswald pós-moderno”, p. 27.

culturais do presente ou do passado requer a escolha de uma estratégia comparativa capaz de problematizar certezas e apontar contradições.

Essa leitura desenvolvida por Silviano ao longo de sua trajetória intelectual é tributária da teoria da desconstrução de Jacques Derrida, que consiste, de acordo com Souza, no duplo gesto de denunciar, em determinado texto, tanto o que ele diz, assim como o que, sob o olhar do presente, foi dissimulado e recalado. Desses lugares de enunciação, canônicos ou não, é que parte Silviano no seu trabalho de desconstrução, por meio do uso do conceito de “entre-lugar”, segundo o qual “o lugar de observação, de análise, de interpretação não é nem cá nem lá, é um determinado ‘entre’ que tem que ser inventado pelo leitor.”⁷

Por meio de Nabuco, atualizando a telegrafia pela televisão e a internet, Santiago define o brasileiro letrado de hoje: “Sou antes um espectador do meu século do que do meu país; a peça é para mim a civilização, e se está representando em todos os teatros da humanidade, ligados hoje pelo telégrafo.”⁸

Para Santiago⁹, o poeta moderno simplesmente dá voz a uma prosa que já existe na fala das coisas, constituindo um campo de saber epidérmico, profundo e autoritário, saber este que, abolindo sujeito e objeto, ou melhor, propondo como superiormente hierárquica a escrita humana, não consegue distinguir com clareza onde se rompe o elo entre as palavras e as coisas, já que tudo é linguagem.

É exatamente esse saber que encontramos em *Aos sábados, pela manhã*, daí deriva também a riqueza – e a fertilidade – dos entre-lugares de Silviano Santiago, como ler-se-á em “Cara de um, focinho do outro”¹⁰, Santiago relatando que parte da sua vida profissional se passou no estrangeiro; nos simpósios internacionais acostumou-se a perceber o modo como a América hispânica era sobreposta à América Latina, obrigando a língua portuguesa e a cultura brasileira a se afirmarem solitariamente.

⁷ SANTIAGO. Literatura é paradoxo. Entrevista concedida a Carlos Eduardo Ortolan Miranda, p. 04.

⁸ SANTIAGO. *Aos sábado, pela manhã*, p. 232.

⁹ SANTIAGO. *Nas malhas da letra*, p. 259.

¹⁰ SANTIAGO. *Aos sábado, pela manhã*, p. 255.

Tal fato reitera que, para Silviano Santiago, absorver e, ao mesmo tempo, desvincilar-se da exuberância dos restos, dos excessos, da repetição incessante da erudição livresca e do consumo compulsivo da cultura de massa – um trabalho do ‘entre-lugar’, agora alocado no âmbito da elaboração literária – é condição indispensável para o escritor latino-americano contemporâneo produzir sua singularidade e a eficácia da sua intervenção intelectual.

Como salienta Evelina Hoisel em seu ensaio intitulado “Silviano Santiago e seus múltiplos”¹¹, para compreendermos as dimensões do projeto intelectual de Silviano Santiago requerer-se-á de seu leitor uma tarefa interpretativa que atravessa múltiplos cenários, já que como intelectual contemporâneo, Santiago, fragmenta-se e multiplica-se tanto no plano simbólico, por meio de sua produção ficcional, quanto no plano existencial, a partir das diversas atividades por ele desempenhadas: professor, crítico, teórico, mediador cultural. E em *Aos sábados, pela manhã*, temos exatamente isso, ou seja, sua escrita reinscreve questões teóricas e críticas, dramatizando preocupações que constituem o ideário do projeto intelectual de Silviano Santiago.

Aos lemos suas crônicas deparamos com a marca do ficcionista, desdobrando temáticas, revestindo-se de outros vieses, em constante diálogo com os textos literários. Assim, observa-se uma espécie de lição metodológica da difusão do saber em tempos midiáticos e globais, na qual um texto é inicialmente apresentando como conferência, palestra, aula, e, posteriormente, posto em circulação através de jornais – como são as crônicas reunidas em *Aos sábados, pela manhã*, resultado de anos de publicação no caderno *Sabático*.

Na primeira parte do livro, intitulada “Elogio da Literatura”, Silviano fala a respeito de obras e escritores, traçando, muitas vezes, uma constelação de autores num único texto. Isso mostra o domínio do escritor que aproxima estrelas que poderiam estar distantes, vista de uma ótica mais fechada e tradicional. Prova disso é a aproximação que o autor faz, logo no primeiro artigo, cujo título é “O novo cosmopolitismo literário”, do romance contemporâneo *2066* de Roberto Bolaño com a *Educação Sentimental* de Gustav Flaubert, a respeito da forma como os dois autores trabalham a questão da elipse na narrativa. Aliado a essa leitura estão as reflexões epistemológicas do intelectual sobre questões como o

¹¹ HOISEL. “Silviano Santiago e seus múltiplos”, p. 143.

cosmopolitismo, o multiculturalismo, o entre-lugar, haja visto que o intelectual se posiciona da América Latina, mais especificamente do Brasil, o que implica uma série de problemáticas acerca do lócus de enunciação e das reflexões teóricas a partir desse lugar, como nos orienta Hugo Achugar, pois “vivemos nesse presente globalizado a partir da periferia”¹². Como diria o próprio Silviano, é a partir desse entre-lugar que os discursos e as reflexões são produzidos.

Silviano *orienta* o Ocidente em relação à leitura que se faz de *Lolita*, de Nobokov, em Teerã, no Irã. O autor retrata tal leitura expondo a obra autobiográfica de Azar Nafisi, denominada *Lendo Lolita em Teerã* em que a autora lê o romance sob a ótica dos costumes do Oriente Médio em relação à prática comum do casamento entre meninas e homens. Silviano, então, esclarece que as diferentes leituras que se fazem da obra, tanto no Oriente quanto no Ocidente são complementares: “Sob o olhar iraniano, *Lolita* perde e ganha outro sentido. Não se excluem as leituras literárias feitas dentro e fora do Ocidente. Somam-se e esclarecem”¹³. A questão Ocidente e Oriente não é colocada como oposta e binária, mas sim como suplemento, uma vez que o dito tradicional, ou seja, a literatura Ocidental é auxiliada pela leitura crítica Oriental, em que os valores e costumes iranianos são o foco de Nafisi para se estudar a obra de Nobokov. Além disso, o gênero autobiografia, fora dos gêneros canônicos e, também, produzido por uma autora mulher, acaba por deslocar a visão que se tem do romance *Lolita*, onde a menina também é vista como “depravada” e não apenas vítima do protagonista tido como predador, já que é comum na cultura iraniana o casamento de meninas com homens mais velhos. A questão de gênero, tanto discursivo quanto sexual, ajuda na compreensão de diferentes leituras que se faz de uma obra ao extrapolar os seus sentidos.

Ainda no campo do biográfico, Silviano não se intimida com o extraliterário ao discorrer sobre biografias. No texto “A sociedade secreta dos biógrafos”, o intelectual discorre sobre a obra do escritor francês Marcel Schwob, *Vidas imaginárias*. A partir do livro de Schowb, o biografar deixa de ser escrito apenas por historiadores e passa também a ser produzida por escritores, gerando assim, a sociedade secreta de biógrafos. Essa sociedade, como indica o ensaísta, tem

¹² ACHUGAR. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*, p. 18.

¹³ SANTIAGO. *Aos sábados, pela manhã*, p. 62.

círculos na América Latina, composta por nomes como Borges e Bolaño. Estes dois misturam, frequentemente, o real com a ficção, ficcionalizando acontecimentos e transpondo-os para o espaço literário. Cabe dizer aqui que Silviano estabelece laços de amizade literária entre os escritores, estabelecendo, dessa maneira, Borges como o precursor de Bolaño, num exercício descrito por Eneida Maria de Souza em que “A relação de amizade implica a escolha de seus precursores pelo escritor, à maneira da fórmula consagrada por Borges, o que acarreta a formação de um círculo imaginário de amigos reunidos por interesses comuns”¹⁴. Podemos fazer uma retomada ao próprio Borges e sua biblioteca babólica composta por inúmeros precursores. O próprio Silviano fez esse procedimento no romance ganhador do Prêmio Jabuti com *Em Liberdade*, quando estabelece Graciliano Ramos como amigo metafórico e lhe usurpa a escrita. Fato e ficção na mesma medida ultrapassam a teoria e a crítica literária tradicional abrindo lugar para a crítica biográfica que dá conta do extrínseco da literatura sem deixar de recorrer a ela.

Ainda a respeito da literatura, Silviano alega que a “alquimia poética do Modernismo é nitidamente pós-colonial”¹⁵. Isso mostra o apreço de intelectual pelo movimento modernista brasileiro e, ao mesmo tempo, como o autor vem trabalhando tal poética em benefício da epistemologia cultural e pós-colonial, com que temos exemplo o conceito de entre-lugar, cunhado pelo crítico na década de 1970. No artigo, o autor faz com que o escritor modernista aja como uma criança que usa a língua de forma livre e coloquial para que não caia em outro fingimento, o fingir ao modo parnasiano. É nesse sentido que o ensaísta vale-se de uma plêiade de amigos modernistas que abrilhantam suas leituras no que concerne não só à literatura, mas também a educação de nosso país, tal como podemos observar no artigo “A utopia verde-amarela modernista”. As contribuições de Oswald e Mário de Andrade, Drummond e Manuel Bandeira são vistas por Silviano como uma ponte entre passado e presente ao retratar a literatura e a educação brasileira. Além disso, esses amigos modernistas pervertem o molde da literatura europeia,

¹⁴ SOUZA. *Crítica cult*, p. 111.

¹⁵ SANTIAGO. *Aos sábados, pela manhã*, p. 114.

uma vez que “A tradição das literaturas nacionais se enriquece diante da possibilidade de traír modelos e de repensar origens”¹⁶.

Buscando em Barthes um melhor entendimento, Santiago nos propõe então que, o texto legível é o que pode ser lido, mas não escrito ou reescrito, é o texto clássico por excelência, o que convida o leitor a permanecer no interior de seu fechamento; os outros textos, ‘os escrevíveis’, apresentam ao contrário um modelo produtor, que excita o leitor a abandonar sua posição tranquila de consumidor partindo para a aventura de produtor de textos. A leitura, portanto, não desempenha o papel de tranquilizar o leitor, mas o contrário, o desperta, transformando-o, radicalizando-o, acelerando assim o processo de expressão da própria experiência

Torna-se oportuno então citar novamente Barthes: “que textos eu aceitaria escrever (reescrever), desejar, afirmar como uma força neste mundo que é o meu?” Para Santiago, o escritor trabalha *sobre* outro texto e quase nunca exagera o papel que a realidade que o cerca pode representar em sua obra. Portanto, desde Roberto Bolaño, Ricardo Píglia, Borges ou até mesmo Guimarães Rosa, o trabalho crítico de Santiago mantido em *Aos sábados, pela manhã*, se define pela análise do uso que Santiago fez dos textos lá apresentados.

Em “Além do campo visual”, segunda parte de *Aos sábados, pela manhã*, Silviano explora as artes quando faz ensaios sobre artes visuais, cinema e teatro. Podemos notar que o autor investiga essa temática sem abandonar a literatura de suas reflexões. Em “Olhos leem, dedos pensam”, primeiro artigo da seção, o ensaísta indica os efeitos da tecnologia sobre a cultura contemporânea, inclusive sobre as artes plásticas, sendo uma delas a interação entre os sujeitos. Nesse sentido, Silviano ilustra a questão sob a luz do crítico de arte Oliver Grau que fez um estudo sobre inventos técnicos e sua imersão na obra de arte. É assim que “vemos” a submersão do sujeito dentro da própria obra de arte em *Osmose*, ambiente imagético criado pela artista canadense Charlotte Davies que retrata um pedaço da natureza, levando o ser humano a tocar a própria vida que muitas vezes, no campo real, o leitor / sujeito se esquece.

¹⁶ SOUZA. *Crítica cult*, p. 41.

Em “Olhos leem, dedos pensam”¹⁷, Santiago faz menção a um artigo de Umberto Eco, de 2000, que já profetizava que o século XXI ‘entronizaria o computador e – arriscava-se ao afirmar – a palavra escrita’, mas, a interação entre leitura e escrita continua a ser postergada pelo leitor de livros que não se contenta com a ‘informação’. Partindo desse pressuposto, as ‘leituras’ aqui reunidas de Santiago exploram, em diversos ângulos, seu percurso como leitor, crítico e criador de ficções. *Aos sábados, pela manhã*, portanto, como coloca Coelho, é um livro que de certa forma supera e refunda o debate contemporâneo da crítica literária a respeito do seu espaço e da sua qualidade em nossos meios impressos.

Já em seu célebre ensaio intitulado “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Santiago questiona o papel do crítico, se este deve apresentar o complexo sistema de obras explicado até o presente por um método tradicional e reacionário cuja única originalidade é o estudo das fontes e das influências, por exemplo, ou seria mais interessante assinalar os elementos da obra que marcam sua diferença?!

Outras modalidades artísticas são explicitadas em “Estar vivo aqui e agora”, no qual percebemos que a arte está sempre em constante atualização e isso permite uma associação entre obras de distintos momentos e lugares. É nesse sentido que Silviano procede a respeito da arte de esculpir em cera. Na primeira cena narrada, somos levados até a Renascença na cidade de Florença onde Orsino Benintendi esculpe três imagens votivas do banqueiro Lourenço Médici, em tamanho real, retratando a inimizade entre banqueiros da cidade e o atentado que Médici sofreu com seu irmão e mais um colaborador. O segundo evento remonta a Paris de 1782 e tem como figuras centrais o escultor Philippe Curtius e sua discípula Madame Tussaud, cujo nome foi dado a um dos mais importantes museus de cera do mundo e que é lar de esculturas quase vivas de pessoas ilustres e de criminosos famigerados da época. Por fim, quase na virada do século, na Londres de 1999, temos fotografia do japonês Hiroshi Sugimoto que retrata as figuras de cera, também em tamanho real, em fotografias hiper-realistas que parecem dizer que “estão vivas aqui e agora”. O papel do crítico de arte e cultura é desempenhado por Silviano de modo magistral, uma vez que o crítico “cruza fronteiras da linguagem”¹⁸, tal como indica Denilson Lopes, ao fazer o diálogo

¹⁷ SANTIAGO. *Aos sábado, pela manhã*, p. 157.

¹⁸ LOPES. Notas sobre a crítica e paisagens transculturais, p. 21.

com o leitor, ao apostar sem receio de errar, intervir no texto e ao trazer suas próprias conclusões a respeito do que leu / viu / sentiu.

A terceira parte de *Aos sábados, pela manhã*, intitulada “Uma revoada de vaga-lumes”, é dedicada às reflexões de ordem mais teórica e conceitual que o crítico faz em torno de novas modalidades de pensamento, além de tratar de temáticas que se complementam com as feitas anteriormente e de construir um debate que nos ajuda a pensar a cultura e a teoria. Exemplo disso é o modo como Silviano conduz o conceito de cosmopolitismo que vem sendo trabalhado por ele há um bom tempo e que aparece nos títulos dos artigos “Raízes do cosmopolitismo no Brasil” em que trata da dependência cultural do Brasil em relação a Europa e em “Cosmopolitismo e diversidade cultural” no qual autor faz uma reflexão sobre o filósofo ganense-britânico Kwame Anthony Appiah no que concerne à sua vida aliada a sua formação acadêmica no intuito de evidenciar o multiculturalismo, a universalidade e a diferença.

Ao discutir a noção de subalterno na América Latina, Silviano associa seu aparecimento com o subgênero da autobiografia, o “*testimonio*”. Surgido nos anos de 1980 entre os latinos, o testemunho surge em determinada época em que as minorias indígenas sofriam com a opressão do pensamento colonial. O autor ilustra a discussão com o testemunho da indígena guatemalteca Rigoberta Menchú que, por sua vez, foi escrito pela intelectual Elizabeth Burgos intitulado *Me llamo Rigoberta Menchú e así nació mi conciencia* em que o há o relato das mazelas que o povo maia-quiché, do qual Menchú faz parte, sofria por parte do governo daquele país. Silviano atenta para o fato de no Brasil, algo semelhante ocorre com o livro *Quarto de despejo* da favelada Carolina Maria de Jesus que teve apoio literário do jornalista Audálio Dantas. Percebe-se, então, que as testemunhas necessitam de um suporte intelectual para que suas vozes sejam escutadas. Isso evidencia o papel da política e da representação aliadas a esse tipo de representação. John Berverley discute as relações entre o poder e a representação do subalterno:

Os estudos subalternos tratam da questão do poder, sobre quem o possui e quem não o possui, sobre quem o está ganhando e sobre quem o está perdendo. O poder está relacionado, então, com a representação: quais representações têm autoridade cognitiva ou pode garantir a hegemonia, quais não têm autoridade hegemônica ou não? Gayatri

Spivak formulou o problema de forma concisa: se o subalterno pode falar, isto é, falando de uma forma que realmente nos “atinja” - então não seria subalterno¹⁹

O crítico indica ainda que em nosso país o termo que melhor traduz o subalterno é o pobre: “O conceito de pobre – como o de subalterno – tem uso analítico elástico e eficiente, propício a outra apreensão das letras nacionais, cujo chão seria pavimentado pela ‘história dos vencidos’”²⁰.

Ao falar sobre a relação entre imagem, mundo e visão humana na perspectiva da pesquisadora Rey Chow, no artigo “O mundo é alvo do olho”, Silviano destaca dois conceitos desenvolvidos pela autora, o de “visualidade” e o de “visibilidade”, quando a estudiosa analisa o lançamento das bombas em Hiroshima e Nagasaki durante a Segunda Guerra Mundial no Japão. Assim, o autor demonstra ser a “visualidade” a imagem que os espectadores têm, não apenas no cogumelo gigante de cinzas e poeira, mas também os efeitos radioativos devastadores das bombas. Silviano aponta que “O interesse de Chow é o de mostrar como, ao transformar tudo em representação e realidade virtual, a imagem em si (no caso, a foto) é um fato epistêmico na cultura global”²¹. Aliada ao cogumelo, a fórmula da física atômica $E=mc^2$ também garante o status da “visualidade” da destruição das cidades japonesas por bombas atômicas. Em contrapartida, a “visibilidade” sobre os chineses, vítimas da ocupação japonesa durante a guerra sino-japonesa, é ocultada pela “visualidade” da bomba de Hiroshima. Isso evidencia o silenciamento e a subalternização de sujeitos que tem sua história suplantada pela História hegemônica.

Eneida Maria de Souza dedica o *Crítica cult* ao Silviano, o mais sábio dos cults. Isso porque Souza, como discípula de Santiago, tem consciência da sabedoria do mestre que explora a literatura, a cultura, a política, a própria teoria para além dos binarismos simplórios levando o leitor a ver/ ler para além do

¹⁹ BEVERLEY. *Subalternidad y representación*, p. 23. “Los estudios subalternos tratan el poder, quién lo tiene y quién no, quién lo está ganando y quién lo está perdiendo. El poder está relacionado con la representación: ¿cuáles representaciones tienen autoridad cognitiva o pueden asegurar la hegemonía, cuáles no tienen autoridad o no son hegemónicas? Gayatri Spivak formuló el problema concisamente: si el subalterno pudiera hablar –esto es, hablar de una forma que realmente nos interpele – entonces no sería subalterno”. (Tradução nossa).

²⁰ SANTIAGO. *Aos sábados, pela manhã*, p. 269.

²¹ SANTIAGO. *Aos sábados, pela manhã*, p. 309.

próprio texto e a enxergar uma outra maneira de ler / ver / tocar o mundo. *Aos sábados, pela manhã* prova que o sábio Silviano sabe conduzir o seu leitor para um mergulho nos mais diferentes tipos de conhecimento da esfera humana não só aos sábados, pela manhã, mas em tempo integral.

Portanto, a leitura de *Aos sábados, pela manhã*, exigirá dos seus leitores uma leitura atenta e organizada, visto que a leitura do outro, além de ser uma forma de enclausuramento do escritor na tradição literária cosmopolita de que extraí sentido, é também o modo mais vivaz que poderíamos encontrar para ‘escapar’ das armadilhas do sujeito singular e imperioso, como o próprio Santiago ressalta “mera panqueca pós-moderna, que tem servido de engodo a paladares aflitivos e irresponsáveis”²². Sabemos que o discurso do intelectual deve ser significativo para a sociedade e, principalmente, para os setores populares, isto é, o discurso dos intelectuais deve representar o povo, o proletário, o país ou até mesmo o partido, propondo articulações gerais com o que era considerado como o grande problema do momento. Assim, o intelectual deve deslocar-se das questões parciais e específicas para as perspectivas globais: instalar-se, consequentemente, na esfera pública e ali construir sua interlocução.

De forma mais específica, para Norberto Bobbio ²³, o problema dos intelectuais é o problema da relação entre os intelectuais – com tudo o que representam de ideias, opiniões, visões do mundo, programas de vida, obras de arte, entre outros – e o poder (o poder político). Portanto, não é fora de propósito recordar que as várias atitudes que os intelectuais podem assumir diante da tarefa que deles se espera na vida social correspondem exatamente aos vários modos pelos quais, ao longo dos séculos, as diversas escolas filosóficas procuraram dar uma solução para o problema da relação entre as obras do intelecto, da mente ou do espírito e o mundo das ações. Como Coelho destaca: “ainda existem críticos que não abrem mão de plantar, em cada texto publicado, sua perspectiva renovadora sobre o país, seu povo e suas ideias” ²⁴. E Santiago realiza essa tarefa muito bem em *Aos sábados, pela manhã*!

154

²² SANTIAGO. *Nas malhas da letra*, p.10.

²³ BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, p. 112.

²⁴ COELHO *apud* SANTIAGO. *Aos sábados, pela manhã*, p. 29.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A José Olympio. In: _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1973. p. 586.
- BEVERLEY, John. *Subalternidad y representación: debates em teoria cultural*. Trad. Maylene Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madri: Iberoamericana, 2004.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- HOISEL, Evelina. Silviano Santiago e seus múltiplos. In: CUNHA, Eneida Leal (organizadora). *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LOPES, Denilson. Notas sobre crítica e paisagens transculturais. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica contemporânea*. v. 2 n. 3. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. p. 21-28.
- SANTIAGO, Silviano. *Aos sábados, pela manhã: sobre autores e livros*. Organização e Prefácio de Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2^a Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SOUZA, Eneida Maria de. "Márioscwald pós-moderno". In: CUNHA, Eneida Leal (Organizadora). *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

